

## HOMENAGEM



O XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e o II Congresso da Sociedade Brasileira de Parasitologia prestam uma justa homenagem a **Samuel Barnsley Pessôa**, fixando sua imagem no "poster" e lembrando aspectos e momentos de sua grande vida científica.

**Samuel B. Pessôa** nasceu em 31 de maio de 1898, em São Paulo. Filho do médico paraibano Dr. Leonel Pessôa e D. Anna Barnsley Pessôa. Ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo, que havia sido criada três anos antes e formou-se pela mesma em 1922. Esta Escola de Medicina, fundada por Arnaldo Vieira de Carvalho, com alguns laboratórios construídos pela Fundação Rockefeller, com professores de diferentes partes do país e do estrangeiro, em breve iria alcançar posição hegemônica na América Latina. Neste ambiente, no convívio com Oscar Freire e Rubião Meira, Samuel Pessôa aprendeu a "amar

a ciência e a cultivar o ideal científico". O jovem estudante do ponto de vista espiritual foi muito influenciado por Guilherme Bastos Milward, professor de Química Biológica. Quando estudante do 5.º e 6.º ano conviveu com Wilson Smile, professor de Higiene de Harvard que tinha por hábito passar férias no interior do Brasil. Com Smile publicou seus primeiros trabalhos e adquiriu o gosto, que manteve por toda vida, pelos estudos epidemiológicos de campo.

Logo depois de formado o Prof. Pessôa foi para Ubatuba e, desde então, tornou-se evidente uma de suas características que não mudaria no futuro: a preocupação constante com as endemias do país. Seus primeiros trabalhos foram sobre ancilostomose, iniciados pouco depois que Monteiro Lobato estereotipou a doença na figura do imortal Jeca Tatu. Em seguida, interessou-se pela malária e pela cisticercose. Em 1939 começou a estudar le-

ishmaniose tegumentar, em 1941 doença de Chagas, em 1952 esquistossomose e em 1954 calazar. Para maiores facilidades em seus estudos epidemiológicos sempre manteve estreita cooperação com os Serviços de Saúde Estadual e Federal. Creio que esta ligação com os órgãos de saúde pública decorria de um dos anseios de sua personalidade. Seu temperamento não lhe permitia permanecer impassível. Tomava posição, apegava-se ao seu ideal de luta contra nossas doenças endêmicas e, para isso, não poderia haver melhores aliados do que os Serviços de Saúde, com organização e estrutura permitindo atuar em larga escala. Nesta ordem de idéias, criou em 1925 o Serviço de Profilaxia da Leishmaniose Tegumentar, foi inspetor sanitário, Diretor do Departamento de Saúde de São Paulo, criou postos de combate à esquistossomose em Aracajú e Maceió e participou da Comissão de Combate à Doença de Chagas.

Sua atividade intelectual foi contínua durante 54 anos. Neste período publicou mais de três centenas de trabalhos científicos, 59 artigos em jornais diários e muitos livros. Destes, o mais famoso — **Parasitologia Médica** — atualmente na 10.<sup>a</sup> edição, é adotado em quase todas Escolas Médicas do Brasil e recomendado como livro de texto pela Organização Pan-Americana de Saúde para estudantes latino-americanos. Destacam-se ainda, Endemias Parasitárias da Zona Rural Brasileira e a monografia escrita com Mauro Pereira Barretto sobre Leishmaniose Tegumentar Americana. Ele possuía os atributos que Richet julgava necessários ao verdadeiro pesquisador: “tenacidade, desinteresse de lucro, operosidade e amor à ciência”. Sua ciência era acessível “não exigia templos suntuosos e nem ricas oferendas”. Trabalhava com os recursos disponíveis e gostava de dizer “maior que os mais complicados aparelhos é o cérebro do homem”.

Fez contribuições importantes no domínio da Medicina Tropical, sobre reação de Montenegro e vacinação na leishmaniose tegumentar, domiciliação de triatomíneos, patogenicidade de amebas e leishmânias, importância das crianças na propagação de verminoses, esquistossomose como doença peridomiciliar, classificação clínico-epidemiológica e profilaxia da esquistossomose, inquéritos epidemiológicos sobre parasitoses intestinais, leishmaniose tegumentar e esquistossomose, além de ser um dos pioneiros nos estudos epidemiológicos das doenças endêmicas em comunidades rurais.

Em abril de 1931 Samuel Pessôa iniciou suas atividades como Professor de Parasitologia na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde iria revelar sua principal característica: talentoso professor. Na Cátedra, soube equilibrar as atividades de ensino e de pesquisa, sem deixar uma predominar sobre a outra, pois acreditava que ambas eram completivas e não exclusivas. Como dizia Nájera “só o professor que investiga pode possuir um juízo próprio do que ensina”. Não perdeu tempo em discussões sobre pesquisa pura e aplicada ou em outras questões bizantinas. Cultivava o pragmatismo e trabalhava.

Em sua vida docente ressalta a preocupação em preparar seguidores. Seu exemplo a muitos estimulou. Em nossa opinião, foi neste aspecto que Samuel Pessôa mais se destacou, exatamente a mais árdua tarefa de um Chefe em uma Universidade. Vale a pena mencionar os principais nomes: Pedreira de Freitas, Leonidas Deane, Ayrosa Galvão, Alves Meira, Dácio Amaral, José de Oliveira Coutinho, Mauro Pereira Barretto, Maria Deane, Paulo Cesar de Azevedo Antunes e depois Luis Rey, Luis Hildebrando Pereira da Silva, Victor Nussenzweig, Ruth Nussenzweig, Erney Camargo e ainda outros, como Simões Barbosa, Lobato Paraense e Durval Lucena, que também, em menor grau, muito devem de sua formação científica a Samuel Pessôa. Que elenco! Em nenhuma Universidade do nosso país, jamais outro professor formou tantos e tão bons parasitologistas. Isto sem falar na maioria dos professores de Medicina Tropical ou de Parasitologia do Brasil, que direta ou indiretamente, através de sua famosa Parasitologia Médica e de outros trabalhos, foram influenciados pelo grande professor que, acertadamente, pode ser considerado Mestre de Gerações. O seu segredo? Em minha opinião não dependia de um único fator. Dele pode-se dizer o que foi dito de Ruy Barbosa: “ensinou com palavras e com exemplos, mais com exemplos do que com palavras”. Ao invés de melindres com o sucesso de seus discípulos tinha “na glória de seus auxiliares a grande recompensa de seus esforços”. Permitia a cada assistente escolher seus assuntos de estudos e prestava sua ajuda sincera quando necessário. Considerava, como Sócrates, que a inteligência, antes de tudo, “é uma tocha que se deve acender”. Creio que o carácter de sua personalidade, também muito contribuiu para o sucesso na formação de seus auxiliares.

Em raro gesto de desprendimento, aos 57 anos de idade, Pessôa requereu sua aposentadoria na Faculdade para abrir caminho aos

seus substitutos. Mas não esmoreceu em seu idealismo e com a felicidade do entusiasmo levou seu evangelho de uma Faculdade a outra. Esteve na Paraíba, em Londrina, em Florianópolis, na Bahia, em Goiás, em Itajubá e em tantos outros locais do país. Voltou ao estudo dos hemoparasitas dos ofídios, que havia lhe interessado há 30 anos atrás, segundo me disse, na tentativa de encontrar uma vacina contra a leishmaniose. E em seus últimos anos de vida, depois de operado, com menor acuidade visual e auditiva, trôpego, mas com mente clara, continuou apegado ao seu ideal de trabalho, na certeza de que a "felicidade reside em lutar".

Samuel Pessôa era dotado de uma personalidade de irradiante simpatia. Trazia conforto para todos com quem entrava em contato. Era sincero. Quando persuadido, defendia seus pontos de vista com convicção. Muito bem humorado, é conhecida sua espiritosa classificação dos animais que capturava para estudo: bichos bons os que transmitiam

doença, bichos bobos os que não transmitiam e bichídeos quando ainda incerto seu papel como vetor de doenças. Guardo indelével memória de nossas viagens por ínvios caminhos do sertão da Bahia e a honra de ter merecido o seu afeto.

Além de seu amor pela ciência amou também seu país e sua gente e "agiu em função destas paixões que tinha em seu coração. Por certo, a ciência não tem pátria, mas como disse Pasteur "os sábios a tem".

Ao Professor Samuel Pessôa sobrevive sua dedicada esposa, companheira de todas as horas, cujos atributos morais foram decisivos para o êxito de sua obra científica.

Samuel Pessôa trilhando a "espinhosa senda do trabalho" atingiu o sereno domínio da glória, de que nos fala Ramon y Cajal, onde os "triunfos do saber desafiam os ultrajes do tempo".

PROF. A. PRATA